

“LIBERDADE OU SOLIDÃO?”: MULHERES NEGRAS IDOSAS E RELACIONAMENTOS AFETIVOS

Polliana Teixeira da Silva ¹

Isabelle Patriciá Freitas Soares Chariglione ²

INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre o papel dos relacionamentos amorosos no processo de subjetivação das mulheres, entendendo tal relação como um elemento importante na sensação de bem-estar da população feminina (Almeida, Del Vecchio & Lourenço, 2015). Em suma, vários estudos compreendem que a subjetivação das mulheres abrange a procura por uma por uma relação romântica para atingir a satisfação pessoal (Zanello, 2018).

Almeida e Lourenço (2019) defendem que o amor e a sexualidade são elementos fundamentais da interação humana e, conseqüentemente, da estruturação das relações íntimas na sociedade. Segundo os autores, é possível identificar a existência de um preconceito dirigido às pessoas mais velhas que desejam se relacionar amorosamente durante a velhice, visto que pessoas idosas são frequentemente estigmatizadas como assexuais, ou até mesmo “pervertidas”, ao manifestarem sentimentos como desejo e atração.

Contudo, aqui se identifica uma barreira nos estudos sobre amor, gênero e envelhecimento: nos estudos sobre relacionamentos amorosos e subjetivação feminina, fala-se majoritariamente de uma camada feminina branca e jovem. Por sua vez, nos trabalhos acerca da afetividade e envelhecimento, há um enfoque significativo nos preconceitos e nas vivências da sexualidade nesta etapa da vida. Há, então, uma escassez de pesquisas sobre o caráter dos relacionamentos amorosos em populações interseccionais.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (PGPDE) da Universidade de Brasília (UnB) – DF, fraupolliana@gmail.com;

² Doutora em Cognição e Neurociências. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (PGPDE) da Universidade de Brasília (UnB) – DF, ichariglione@unb.br. Este trabalho resultou da dissertação de mestrado intitulada “Deus é uma mulher preta?: as representações sociais construídas por mulheres negras idosas do Distrito Federal sobre seus envelhecimentos”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (PGPDE – UnB), fomentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Já é aceita a concepção do envelhecimento enquanto um processo multidimensional, complexo e heterogêneo (Neri, 2011; Da Silva, 2023), vivenciado de maneiras distintas a depender da localização histórico-cultural em que os sujeitos se inserem (Bernardo & Carvalho, 2020). Somando os determinantes de gênero, raça e geração, emerge o questionamento: mulheres negras idosas também são perpassadas por relacionamentos amorosos da mesma forma? Assim, o objetivo do presente trabalho foi investigar os significados que essa população atribui aos relacionamentos românticos.

METODOLOGIA

O presente trabalho utilizou a Teoria das Representações Sociais para investigar os significados atribuídos por mulheres negras idosas à sua estética. Para isso, foram entrevistadas 31 mulheres negras entre 60 e 87 anos, com média de idade de 68,8 anos. Todos os nomes aqui citados são fictícios, a fim de preservar a identidade das participantes do estudo.

A entrevista foi semiestruturada e contou com cinco questões norteadoras sobre envelhecimento e negritude. A nível de análise, foi utilizada a Análise Microgenética do Discurso. Todos os procedimentos foram aprovados pelo CEP/CHS da Universidade de Brasília, sob o código CAAE: 61213822.7.0000.5540.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as entrevistadas, 90,3% não estão em um relacionamento amoroso atualmente; isto é, 28 das 31 participantes do estudo. Sabe-se que, de maneira geral, os relacionamentos amorosos não se enquadram como uma vivência comum na trajetória de mulheres negras brasileiras, visto que, em relações heteroafetivas, essa população é constantemente preterida tanto pelo homem branco, quanto pelo homem negro (Mizael, Barrozo & Hunziker, 2021).

Neste sentido, todas as mulheres entrevistadas relataram terem vivido relacionamentos ao longo da juventude, momento esse em que elas percebiam e vivenciavam as relações amorosas de outra forma, quando comparada à percepção atual. Assim, foram identificadas duas categorias para a Análise Microgenética do Discurso: (1) a experiência de relacionamentos amorosos na juventude; e (2) o significado atribuído aos relacionamentos amorosos na velhice.

No que tange à primeira categoria, nota-se que todas as mulheres citaram experiências de um ou mais casos de “amor fracassado”, onde elas comumente eram trocadas, ou até mesmo reprovadas pela família e amigos do par em questão. Sob esta ótica, vale apontar o discurso de Orquídea, que discorre sobre as discriminações que viveu dentro de um relacionamento amoroso. Ela conta:

“Até mesmo com namorado eu tive discriminação. Eu namorei um rapaz por quatro anos, e ele virou para mim e falou que não iria se casar comigo porque eu era negra. Aí eu falei ‘mas depois de quatro anos, você viu minha pele?’. Entendeu? Então, foram quatro anos e ele terminou comigo”.

Ainda que esses episódios passados nem sempre tenham sido relacionados por elas à sua identidade étnico-racial, infere-se que há uma ligação entre suas negritudes e suas instabilidades amorosas. Afinal, mulheres negras não estão alinhadas com o padrão de beleza imposto pelo ideal de branqueamento (Gonzalez, 2020), e nem oferecem uma possibilidade de ascensão social de quem as escolhe (Fanon, 2020), estando fadadas, muitas vezes, à solidão afetiva.

Todavia, a segunda categoria de análise abarca outro marcador social de diferença emerge como fator de análise deste fenômeno: a velhice. Embora essas mulheres tenham citado histórias passadas dolorosas sobre relacionamentos, nenhuma das mulheres solteiras, viúvas ou divorciadas manifestou o desejo de se relacionar novamente no momento de vida atual. Seguindo essa linha, o relato de Margarida merece destaque. Ela relata:

“Esse papel de cuidadora [...], eu não procuro, não. Eu fui casada por 17 anos e foi um casamento muito ruim [...] Depois que eu me separei do meu marido, eu tive um relacionamento super rápido e depois nunca mais. Aí eu falei ‘não, deixa eu cuidar da minha vida, construir minha casa’”.

A partir desses achados, surge a hipótese de que, em consonância com os estudos da área de relacionamentos, existe um momento em que as mulheres são requisitadas a estabelecer relações amorosas: a juventude e o início da vida adulta. Na velhice, por diversos fatores, essa não parece ser a prioridade. Essa informação é corroborada quando, ao serem questionadas sobre como elas esperam que mulheres negras envelheçam atualmente, as participantes do

estudo ofereceram respostas majoritariamente circunscritas aos âmbitos de dinheiro, saúde e amizades. Em outras palavras, “o amor romântico parece ter sido relegado a um papel de esquecimento, ou, quem sabe, de insignificância dentro dessas expectativas” (Da Silva, 2023, p. 96).

Deste modo, compreende-se que a passagem do tempo pode ser um fator relevante nessa transformação das representações sociais acerca da importância de um relacionamento amoroso. Somado a isso, há também a hipótese de que, por não terem sido particularmente escolhidas como namoradas e esposas ao longo da vida, essas mulheres negras idosas podem ter adotado uma postura de aceitação e conformismo sobre este tópico na velhice.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a liberdade propriamente dita ainda é recente para a população negra brasileira, especialmente a feminina. E, ao se considerar todo o percurso dos movimentos sociais em busca da efetivação dos mais diversos direitos e da transformações de determinadas representações sociais, é notório que essa talvez seja uma das primeiras vezes em que mulheres pretas e pardas podem cuidar de si mesmas, sem a necessidade de um relacionamento para acessar garantias de cidadania. Em outras palavras, pode ser o primeiro momento de vida em que o cuidado volta para si, e não para os outros - o que é especialmente doloroso para mulheres negras, que foram alocadas no papel de servidão desde o início da história documentada deste país.

Por isso, embora já se discuta sobre as discriminações voltadas para pessoas idosas que querem se relacionar, é possível afirmar que pouco se explorou sobre a importância que essas relações assumem ou deixam de assumir para as mulheres após determinada idade. Além disso, ainda existem lacunas no que diz respeito ao estudo da população negra envelhecida e como a herança escravocrata segue se fazendo presente nos seus cotidianos. Assim, o presente trabalho abre margem para novos estudos na área, a fim de promover a construção de uma ciência justa e emancipatória.

Palavras-chave: Envelhecimento; mulheres negras; relacionamentos amorosos; interseccionalidade; teoria das representações sociais.

REFERÊNCIAS

Almeida, Thiago; Del Vecchio, Taisa Cristina; Lourenço, Maria Luiza. O desenvolvimento das relações amorosas: do início do século XX até os dias de hoje. In: Almeida, Thiago. Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois. São Paulo: Polo Books, 2015, p. 51-90.

Almeida, Thiago; Lourenço, Maria Luiza. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade?. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 10, p. 101-114, 2019.

Bernardo, Lilian; Carvalho, Claudia. O papel do engajamento cultural para idosos: uma revisão integrativa da literatura. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 23, 6, p. 1-13, 2020.

Da Silva, Polliana. Deus é uma mulher preta?: as representações sociais construídas por mulheres negras idosas do Distrito Federal sobre seus envelhecimentos. (Dissertação em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

Fanon, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo: Ubu, 2020.

Gonzalez, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Mizael, Táhcita; Barrozo, Sarah; Hunziker, Maria Helena. Solidão da mulher negra: uma revisão de literatura. Revista da ABPN, 13, 38, p. 212-239, 2021.

Neri, Anita. Uma psicologia positiva para o envelhecimento. In: Falcão, Deusivânia; Araújo, Ludgleydson. Psicologia do Envelhecimento: relações sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados. Campinas: Alínea, 2011, p. 9-10.

Zanello, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.